



EDUARDO PRADO COELHO

O FIO DO HORIZONTE

O jornalismo que temos

Como dei notícia ampla, e suponho que bem-humorada, estive quatro dias e meio no Hospital de Santa Maria. Não creio que fosse acontecimento para ser notícia nos jornais. Sei apenas que um senhor, dizendo que era um grande amigo meu muito próximo, que estava preocupado e queria ter notícias minhas, telefonou para minha casa e falou com a minha empregada brasileira. Esta, com extrema boa-fé, contou tudo. Do tal "amigo" nunca mais ouvi falar. Mas verifiquei que um jornal (que nunca leio) escreveu algumas colunas alarmistas a propósito do meu estado de saúde. Não direi o nome do jornal porque não interessa. Interessam, sim, certos procedimentos de alguns "jornalistas" portugueses. E, como dizia a Nágila, "o urubu nem o meu nome soube escrever".

Em relação ao debate lançado por Manuel Maria Carrilho, gostaria de sublinhar duas coisas. A primeira é que, depois de uma impressionante barreira de rejeição, que desqualificava todos os aspectos da questão, e reduzia as coisas ao tema infeliz de "um mau perdedor tenta lançar as culpas da sua derrota e acha que mais de metade dos portugueses está contra ele", começam a aparecer os primeiros sinais de que o debate vai avançar. Feitas as contas, nunca os jornalistas tiveram uma tão semiótica formação universitária e nunca existiram tantas disciplinas

Um senhor, dizendo que era um grande amigo meu muito próximo, que estava preocupado e queria ter notícias minhas, telefonou para minha casa e falou com a minha empregada brasileira

e tantos livros sobre a deontologia dos *media*, e contudo nunca tivemos jornalistas tão pouco sérios, tão desleixados em termos de cultura geral, escrevendo muitas vezes com os pés, e tão demagógicos no modo como apresentam as coisas.

Não penso que tenha havido um verdadeiro *complot* contra Manuel Maria Carrilho e muito menos que gente como Pacheco Pereira, Miguel Sousa Tavares, Pedro Rolo Duarte ou a sempre deliciosa Ana Sá Lopes estivessem a soldo de alguma força oculta. Quando muito, uma agência de informação terá influenciado alguns obscuros jornalistas que faziam a cobertura das campanhas e aproveitado o ambiente de hostilidade que Manuel Maria Carrilho sempre teve à sua volta (mesmo quando foi o melhor ministro da Cultura que nós tivemos). Porque, como várias vezes tenho sublinhado, há determinados tipos de acontecimentos em relação ao poder e aos seus candidatos que suscitam uma prosa ladina, em que o jornalista tenta mostrar a sua independência e a sua inteligência descrevendo as coisas de forma irónica ou mesmo claramente crítica. Há nesta mistura entre o que devia ser a clara apresentação dos factos e o que deveria ser a sua análise uma relação manifestamente perversa, que se reforça quando há vagas de humor positivo ou negativo.

Quanto às agências de informação e comunicação, confesso a minha ingenuidade: não sabia o poder que elas têm e o modo como estão presentes nos jornais portugueses. Por acaso da minha vida, conhecia o que se passava com revistas femininas: o lançamento de determinado produto da L'Oréal implicava a troca de publicidade que se fizesse um dossier sobre o tema em questão. Mas ignorava o que se passava noutros domínios. A verdade é que, certamente por ser um escriba discreto, nunca ninguém me deu nem um rebuçado para escrever seja o que seja – quanto mais um cruzeiro nos mares do Sul... PROFESSOR UNIVERSITÁRIO